

GEEKERELA

ASHLEY POSTON





GEEKERELA

Ashley Poston

Tradução de Rayssa Galvão



The logo for 'intrinseca' features a solid black circle above the word 'intrinseca' written in a lowercase, sans-serif font.

Copyright © 2017 by Ashley Poston
Publicado originalmente em língua inglesa por Quirk Books,
Philadelphia, Pennsylvania.
Publicado mediante acordo com Ute Körner Literary Agent, S.L.U.,
Barcelona – www.uklitag.com.

TÍTULO ORIGINAL

Geekerella

PREPARAÇÃO

Denise Scofano

REVISÃO

Mariana Bard

Milena Vargas

DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira | Equatorium Design

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Dan Sipple

ARTE DE CAPA

Timothy O'Donnell

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Aline Ribeiro | linesribeiro.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P89g

Poston, Ahsley, 1990-

Geekerella / Ashley Poston ; Tradução de Rayssa Galvão. – 1. ed.
– Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.
384 p. : il ; 23 cm.

Tradução de: Geekerella

ISBN: 978-85-510-0214-8

1. Ficção infantojuvenil americana. I. Galvão, Rayssa. II. Título.

17-41521

CDD: 028.5

CDU: 087.5

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRINSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para os camaradas:
que venham muitas outras
aventuras incríveis*

PARTE UM

APONTAR PARA AS ESTRELAS.

“Conforme a Nebulosa Negra engolia os mundos um a um, envolvendo-os em escuridão, muitas histórias foram contadas sobre uma pequena fagulha de luz que brilhava mais que uma estrela, reacendendo as esperanças quando tudo parecia perdido. Esta é a história da nave estelar Prospero e de seu último voo.”

Apontar para as estrelas. Mirar. Disparar.”

— Monólogo final, Starfield, episódio 54



A PESSIMADRASTA ATACA novamente.

A mesa da cozinha está coberta de cupons de desconto e panfletos. Minha madrasta, sentada em uma cadeira bamba de madeira, muito empertigada, corta mais um cupom com todo o cuidado. O cabelo louro artificial está preso em um coque alto, deixando soltos alguns cachos perfeitos; os lábios, vermelhos como sangue do coração de homens; a blusa branca, impecável; a saia lápis escura engomada... Deve ter uma reunião com algum futuro cliente.

— Querida, hoje preciso que você seja mais rápida — pede ela, estalando os dedos para me apressar.

Procuro o pote de café na bancada da cozinha. O pó tem um cheiro forte de café barato — o único tipo que conheço —, mas está ótimo, afinal, não temos dinheiro para café caro, embora todo dia a pessimadrasta compre chai latte duplo com café e leite de soja (sem chantilly) com um de seus cartões de crédito.

Catherine, minha madrasta, pega outra revista para recortar.

— Nada de carboidratos. Acordei inchada e à tarde tenho uma reunião com um casal. Vai ser um casamento dos grandes. Descobri até que ela é debutante, dá para acreditar?!

Em Charleston? Dá, sim. Todas as meninas deste lugar são debutantes, da alta sociedade ou da família de algum político, e ostentam sobrenomes tradicionais da região: Thornhill, Fishburne, Van Noy, Pickney. E eu não estou nem aí para isso.

Jogo duas colheres de pó de café na máquina. Depois acrescento mais uma, só para completar. Parece que o dia hoje pede três medidas. Talvez uma dose extra de cafeína matinal tire minha madrasta e as gêmeas de casa antes das nove. Não é pedir demais, é?

Olho para o relógio do micro-ondas: 8h24. Se as gêmeas não começarem a se movimentar na velocidade de dobra, corro o risco de me atrasar. Mentalizo uma oração para o Senhor da Luz, o divino Q, ou quem quer que esteja ouvindo: *Por favor, pelo menos uma vez na vida, faça com que a pessimadrasta e as gêmeas saiam de casa na hora certa. É que às nove em ponto vai passar Bom dia, América especial Starfield.* E eu não vou perder. *Me recuso.* Finalmente, depois de anos de atrasos, troca do diretor e muita enrolação, o filme vai sair. Na verdade, é um remake, mas não estamos em condição de exigir nada. E hoje vão fazer o anúncio oficial, com o elenco, a história do roteiro e tudo o mais. Catherine e as gêmeas já me fizeram perder muitas maratonas na TV e reprises do episódio final nas sessões de meia-noite no cinema, mas isso eu *não vou* perder.

— Eles querem se casar no bosque de magnólias lá no Boone Hall Plantation, aquele casarão tradicional — continua minha madrasta. — Sabe, desde que Ryan Reynolds decidiu fazer o casamento lá, a agenda do lugar está sempre lotada.

Catherine é cerimonialista. Já passou fins de semana inteiros bordando lantejoulas em toalhas de mesa ou selando convite por convite à mão. Ela se dedica de verdade aos eventos, cuida dos mínimos detalhes, desde o tecido da toalha de mesa até a cor das flores nos arranjos, transformando cada casamento em uma festa mágica de unicórnios saltitantes. Pode até parecer que ela faz isso porque não teve seu próprio “final feliz”, mas não é verdade. É porque ela quer

que seus eventos apareçam na *Vogue* e na *InStyle*, quer ver suas festas no Instagram e no Pinterest de todo mundo. Catherine quer notoriedade no ramo. E investiu nisso todo o dinheiro do seguro de vida do meu pai. Quer dizer, nisso e em tudo que, segundo ela, é “essencial” para sua “imagem”.

— Quero que pelo menos *pareça* que sou cliente da Tiffany — comenta, mais para si mesma do que para mim.

É sempre o mesmo lenga-lenga: antigamente só comprava na Tiffany, ia a bailes de gala no Boone Hall Plantation, tinha um casamento feliz, duas filhas maravilhosas. Eu, a enteada, nunca entro na história.

Catherine termina de recortar o cupom e solta um suspiro.

— Mas isso foi *antes*. Antes de seu pai me abandonar com as gêmeas nesta casa minúscula horrível.

Pronto, lá vem. Como se ela tivesse gastado todas as economias por minha culpa. Por culpa do *meu pai*. Pego a caneca de *Starfield* que era dele — seu único pertence que sobrou nesta casa — e encho de café.

Lá fora, o cachorro do vizinho começa a latir para alguém que passa em sua corrida matinal. Vivemos nos arredores do famoso distrito histórico de Charleston. A casa não é tão velha a ponto de ser uma atração turística, mas até que uma reforma cairia bem — não que a gente tenha dinheiro para isso. Moramos a mais ou menos duas ruas da Faculdade de Charleston. Nossa casa é uma das poucas que continuaram de pé depois que o furacão Hugo dizimou a costa da Carolina do Sul, quando eu ainda nem era nascida. Tem alguns vazamentos, como toda boa velharia. Morei aqui a vida toda. Não tenho mais nada além dela.

E Catherine odeia a casa com todas as forças.

O café exala um cheiro forte e caramelado. Tomo um gole e quase derreto. É o paraíso. Catherine pigarreia, então a sirvo em sua caneca favorita (branca com flores cor-de-rosa). Coloco duas colheres de açúcar (o único toque de doçura que ela se permite no dia), três cubos de gelo e mexo um pouquinho só.

Ela pega a caneca sem tirar os olhos da revista. Então, o cachorro do vizinho solta um uivo agudo, e Catherine coloca o café de volta na mesa.

— O mínimo que a gente espera é que os cachorros saibam a hora de calar a boca. Giorgio já tem tantas preocupações, e esse bicho ainda fica latindo o dia todo!

Catherine gosta de bancar a íntima chamando as pessoas pelo nome, ainda mais quem ela considera importante. O sr. Ramirez (Giorgio) é banqueiro, ou seja, tem muito dinheiro; conseqüentemente, é um membro influente no clube da cidade e, resumindo, um cara importante.

— Se esse bicho não calar a boca — continua ela, naquele seu tom frio e sem emoção —, eu mesma vou lá botar uma focinheira nele.

— O nome do cachorro é Franco — digo, para lembrá-la. — E ele não gosta de ficar amordaçado.

— Bem, todos temos que aprender a lidar com frustrações — retruca Catherine, tomando mais um gole de café. Ela contrai os lábios cor de sangue e empurra a caneca de volta para mim. — Está amargo demais. Refaça.

Com muita má vontade, joga outro cubo de gelo no café, para deixá-lo mais aguado. Catherine pega a caneca e dá um gole. Agora deve estar sem graça o bastante, pois ela deixa a caneca ao lado da pilha de cupons e volta a ler a coluna de fofocas da revista.

— *E então?* — pergunta, meio impaciente.

Hesito, olhando para ela e depois para o café, pensando se esqueci alguma coisa. Mantenho essa rotina há sete anos, e que eu lembre não está faltando nada.

Lá fora, o cachorro solta um uivo sofrido. *Ab.*

Catherine ergue a sobrancelha, um fino traço de lápis.

— Como vou ter uma manhã calma com essa *barulheira*? — pergunta, a voz exageradamente doce, com seu típico tom de superioridade. — Se Robin ainda estivesse entre nós...

Olho bem para ela. Abro a boca. Penso em dizer que também sinto falta do meu pai, que também queria que ele estivesse aqui... mas

algo me impede. Ou eu mesma. Culpo a falta de café. Um gole não me dá coragem suficiente, é preciso uma caneca inteira. Além disso, não quero irritar minha madrastra. Quero que ela tome sua dose diária de caféina, fique bem calminha e *vá embora*.

Catherine vira a página da revista e pega a tesoura para recortar o cupom promocional de um casaco de inverno. Estamos no verão. No início da estação. E moramos num estado quente.

Ela pigarreia.

— Danielle, *dê um jeito* de fazer esse vira-lata ficar quieto.

— Mas...

— *Agora* — interrompe ela, agitando a mão para me apressar.

— Claro, *majestade* — murmuro.

Catherine larga o cupom e começa a ler uma matéria sobre o último look de Jessica Stone em um tapete vermelho da vida, e eu pego na geladeira o resto dos bifos do jantar de ontem e saio correndo pela porta dos fundos.

O pobre Franco está sentado na lama, fora da sua casinha, batendo o rabo numa poça. Ele me observa através de uma lasca na tábuca da cerca. É um dachshund marrom com uma coleira vermelha encardida. Choveu ontem à noite, e a casinha de cachorro alagou, exatamente como eu disse ao sr. Ramirez — ops, ao *Giorgio* — que aconteceria.

O sr. Ramirez trouxe Franco para casa algumas semanas depois de se casar com a segunda esposa (agora ex). Acho que a intenção era treinar para quando tivessem um filho, mas, desde o divórcio, alguns anos atrás, ele praticamente mora no trabalho, então Franco virou uma ideia esquecida que acabou não vingando, e a casinha de cachorro alagada está aí para provar. Pelo menos o coitado consegue boiar.

Puxo o pote de ração de Franco pelo buraco da cerca e faço carinho atrás da orelha dele, sujando os dedos de lama.

— Own, fofinho! Vou tirar a gente daqui assim que tiver dinheiro. Que tal, companheiro? — Ele balança o rabinho, animado, espalhando

lana. — Vou até arranjar uns óculos escuros iguais para nós dois. Tudo a que temos direito.

Contente, Franco deixa a língua cair pelo canto da boca. Talvez nem existam óculos escuros para cachorro, mas por um momento criei essa imagem na minha mente: Franco e eu espremidos em um carro velho, a mil por hora na única estrada local que leva a L.A. — os dois de óculos escuros, claro.

Desde que me entendo por gente, meus dedos coçam procurando coisas para fazer. Gosto de escrever. Já completei vários diários, escrevi fanfics e me refugiei muitas vezes em páginas sobre a vida de outras pessoas. Se meu pai tinha razão quando disse que eu podia fazer o que quisesse, ser *quem* eu quisesse, meu plano é escrever um seriado como *Starfield* e mostrar a outras crianças esquisitonas que elas não estão sozinhas. E depois do ano que vem, o último do ensino médio, é isso que vou fazer. Ou pelo menos tentar. Vou estudar e aprender a escrever roteiros. Já tenho até uma espécie de portfólio. Por enquanto, preencho essa necessidade escrevendo no meu blog, *Artilharia rebelde* — o nome é em homenagem a *Star Trek*, claro —, em que falo sobre o único assunto que domino bem: *Starfield*. Com isso e o pouco dinheiro que estou conseguindo juntar trabalhando no food truck, conseguirei sair daqui.

— *Danielle!* — grita minha madrastra, aparecendo na janela da cozinha.

Empurro o pote de ração com os restos de bife para o outro lado da cerca, e Franco mergulha nele de cabeça.

— Talvez em algum universo paralelo, companheiro — sussurro. — Porque, por enquanto, é aqui que eu moro.

Mesmo se eu quisesse, este lugar está tão impregnado de lembranças que não sei se conseguiria ir embora. Tecnicamente, meu pai deixou a casa para mim, mas fica no nome de Catherine enquanto eu ainda for menor de idade. Então, até lá...

— *Danielle!*

Até lá, fico aqui com minha madrastra e suas filhas.

— Calma! Estou indo!

Faço mais um pouco de carinho em Franco, me despeço e volto depressa para a cozinha.

— Meninas! — grita Catherine, pendurando uma bolsa Gucci no ombro. — Vamos logo, ou vocês vão se atrasar para a aula do sr. Craig! Meninas? *Meninas!* Se ainda estiverem dormindo, vou...

Ouçõ os passos dela ecoando na escada em direção ao quarto das gêmeas. Olho o relógio: 8h36. É *impossível* que elas saiam na hora. A não ser que eu acelere as coisas.

Mesmo a contragosto, pego um pouco de couve-de-folhas, morangos e leite de amêndoas para fazer o suco matinal das gêmeas. Claro que Catherine deixou a revista aberta na bancada, com Darien Freeman sorrindo para mim. Minha boca se curva numa expressão de desdém. Há rumores de que ele foi chamado para o remake de *Starfield*, mas essa é uma ideia tão idiota quanto Carmindor ser interpretado por um pug andando de skate. Não dá para colocar um astro de uma série adolescente no comando da galáxia.

Aff. Aperto LIGAR e tento não pensar mais nisso.

Escuto baques abafados no segundo andar, enquanto Catherine tenta arrancar as gêmeas da cama. Acontece a mesma coisa todos os dias, sem exceção.

Nossa rotina de verão é assim: eu acordo e faço café (uma dose um pouco mais forte às segundas). Catherine fica debruçada na mesa recortando cupons de algum jornal. Passa mais tempo do que deveria olhando propagandas de bolsas e vestidos bonitos. Faz algum comentário passivo-agressivo sobre seu passado. Depois, me manda preparar o café da manhã. Em vez de obedecer, dou comida para Franco. Catherine vai até o andar de cima para brigar com as gêmeas por terem “esquecido” de programar o despertador. Continuo sem fazer o café da manhã. Dez minutos depois, as gêmeas começam a brigar para ver quem toma banho primeiro, e Catherine faz questão de lembrar que é a proprietária da casa, *Danielle*, e que

se eu não quiser que ela a venda para comprar um *flat luxuoso* — como se esta casa velha fosse valer tanto —, é melhor eu preparar o café da manhã. Então jogo esse vômito no liquidificador e sirvo nos copos térmicos idênticos das gêmeas. Catherine as arrasta para a aula de tênis.

O restante do dia nunca é muito melhor. Chego ao trabalho cinco minutos atrasada, mas Hera, que trabalha comigo e é filha da dona do food truck, está sempre entretida demais com suas revistas de moda Harajuku para reparar. Passo oito horas enfurnada na Abóbora Mágica, servindo lanches saudáveis para banqueiros de ternos justos e donas de casa com bebês a tiracolo. Depois, me enfio no mercado a cotoveladas, carregada de cupons, e os funcionários do caixa reviram os olhos quando entro na fila (todo mundo odeia cupons). Volto a tempo do “jantar em família”, que eu mesma tenho que preparar. Aí as gêmeas entram em cena com comentários maldosos sobre minha comida, depois desaparecem escada acima para gravar algum tutorial para o YouTube ensinando a fazer o olho gatinho perfeito, explicando qual é a melhor sombra para combinar com batom vermelho-rubi, ou qualquer coisa do tipo. Enquanto isso, eu lavo a louça, guardo as sobras do jantar, dou uma última olhada em Franco e vou dormir.

Bem, não exatamente. De madrugada fico deitada assistindo a episódios antigos de *Starfield* na velha TV de tubo do meu pai, que fica num canto do quarto. Às vezes publico no blog algum texto sobre o episódio, se estiver inspirada. Dou uma olhada nos sites dos pistoleiros estelares, lendo as notícias. Durmo ouvindo o príncipe da Federação dizendo: *Apontar para as estrelas. Mirar. Disparar.*

No dia seguinte, começa tudo outra vez. Só que hoje tem uma reviravolta na história: vou chegar ao trabalho na hora. E talvez Hera fale comigo pela primeira vez na vida. Talvez as gêmeas sejam legais. Talvez alguém me dê como gorjeta uma passagem de avião para L.A. Talvez eu escreva uma carta de amor para o episódio 43, em vez de criticar a in-

tegridade dos personagens durante a queda da colônia. Talvez eu sonhe com meu pai.

O liquidificador solta um gemido sofrido. Eu o desligo e despejo o suco verde nos copos térmicos, conferindo, ansiosa, a hora no relógio do micro-ondas: 8h41.

Depois de colocar o café da manhã delas na bancada, agindo no automático feito uma funcionária de fast-food, procuro no armário o pote de manteiga de amendoim que escondi ontem à noite. Protejo esse potinho — *meu precioso* — como Sméagol protege o Um Anel. Não importa qual seja a dieta da moda que “nós” estejamos fazendo. No momento, Catherine decidiu aderir à dieta paleo, mas mês passado o negócio era comida crua. E antes disso foi a dieta da proteína (ou era Dukan? Só sei que tinha bacon). Semana que vem vai ser redução de gordura ou de sal, ou sei lá o quê. Seja o que for, eu é que vou ter que cozinhar, sob a ameaça de venderem a casa. A casa do meu pai.

Raspo o restinho de manteiga de amendoim do fundo do pote, saboreando ao máximo. Aproveito qualquer vitória, por menor que seja.

Lá em cima, os canos do chuveiro começam a gemer. *Finalmente*. As gêmeas estão demorando bastante hoje. Elas gostam das aulas de tênis porque sempre encontram as amigas no clube. É o ponto de encontro dos ricos e populares. E quanto a mim? Catherine sempre diz, sem muitas sutilezas, que eu só poderia entrar no clube se fosse para carregar tacos de golfe.

Jogo fora o pote de manteiga de amendoim e dou uma olhada no tijolo indestrutível que chamo de celular. “Herdei” o aparelho do meu pai. Outra ideia maravilhosa da pessimadrasta, mais um jeito de economizar nosso escasso dinheiro: as gêmeas têm aparelhos modernos, mas eu tive que me virar com algum celular velho sobrando em casa. O treco é enorme, daria até para usar como arma contra uma nave cheia de Reavers, mas pelo menos serve para ver a hora.

São 8h43. Elas não podiam ir mais rápido? Só hoje. Podiam sair de casa antes das nove pelo menos uma vez na vida.

As três estão lá em cima, mas ouço a voz anasalada de Chloe como se ela estivesse bem aqui ao meu lado.

— Mas, *mãe*, o Darien Freeman vai aparecer na TV hoje de manhã! Eu *não vou* perder!

Entro em pânico. Se Chloe assumir a TV, não vou conseguir assistir a *Bom dia, América* de jeito nenhum.

— A gente deve se atrasar um pouquinho! — grita Calliope.

Ela sempre fica do lado de Chloe.

Nós três temos a mesma idade e estamos prestes a começar o último ano do ensino médio, mas parece que somos de planetas diferentes. Chloe e Calliope são titulares no time de tênis da liga estudantil. Organizam o comitê de boas-vindas no início do ano letivo. São da comissão de formatura. E não se importam em usar a popularidade para lembrar a todo mundo naquela escola que sou basicamente uma pobre coitada e que, sem elas, eu seria só mais uma órfã jogada no mundo.

Valeu. Como se eu conseguisse esquecer.

— *Não podemos* perder — insiste Chloe. — Temos que ver e filmar nossa reação, senão *todo mundo* vai comentar o que achou antes da gente. E isso seria a morte, *mãe*. *A morte*.

— Olha, amores, eu pago uma grana preta pelas aulas de tênis com o sr. Craig. *Não vou* colocar em risco a posição de vocês no time do ano que vem por causa de um programa de TV! — Catherine desce a escada e entra de novo na cozinha, revirando a bolsa. — Danielle, você viu meu celular?

Eu me estico por cima da bancada para desconectá-lo do carregador.

— Aqui.

— Ué, por que você botou aí? — Ela pega o aparelho sem olhar para mim e começa a vasculhar o Facebook. Então acrescenta: — Ah, não esqueça que amanhã é...

— É. Eu sei — respondo. Como se eu fosse esquecer o dia da morte do meu pai. — Este ano é melhor comprar orquídeas ou...

— *Meninas!* — grita Catherine, olhando o relógio. — *Desçam agora!*
— *Tá bom, mãe!*

Elas descem emburradas, já com o uniforme branco, e pegam os sucos na bancada. As gêmeas são cópias fiéis de Catherine: louras, olhos castanhos, lábios sedutores em forma de botão de rosa. Chloe e minha madrastra são da mesma laia, mas Cal é um pouco diferente, talvez mais quieta. Acho que é porque puxou ao pai, que se mandou quando as meninas eram novinhas e se casou com a filha do dono de algum cassino de Atlantic City.

As duas estão de rabo de cavalo bem firme, e seria impossível diferenciá-las se eu não soubesse que Calliope sempre combina os brincos com os óculos roxos e que Chloe muda de esmalte todo dia — hoje está azul-bebê. Às vezes os lobos usam pele de cordeiro.

— Não é justo! Por que Elle não tem que ir para essas aulas idiotas?
— reclama Chloe.

— Meninas! — Minha madrastra estala a língua e abre um sorriso paciente. — Elle precisa se virar com os talentos que tem.

Tento ignorar o comentário enquanto pego as chaves de casa no jarro da entrada e as enfio na bolsa, fingindo me arrumar para o trabalho. Às vezes acho que Catherine esquece que estou presente.

— Você vai arruinar nossa carreira — acusa Chloe, bebendo o suco verde. — *Precisamos* ser as primeiras.

— Só vão falar disso no Twitter — acrescenta Calliope.

— Desde que conseguimos cem mil visualizações no tutorial de maquiagem de *Seaside Cove*, todo mundo espera que a gente fique por dentro das novidades!

— MENINAS! — Catherine aponta a unha pintada de rosa para a porta. — Quatrocentos dólares por aula. AGORA!

Calliope revira os olhos, pega a bolsa no cabideiro ao lado da porta e sai feito um furacão até o conversível vermelho (outra “necessidade” para manter a “imagem” da minha madrastra). Catherine olha feio para a gêmea que ainda está ali parada. Se tem uma coisa que Chloe não

suporta é a reprovação da mãe. Ela também pega a bolsa — igual à de Cal, só que rosa — e sai batendo os pés atrás da irmã. Não invejo o trajeto de Catherine até o treino.

Minha madrastra dá uma última ajeitada vitoriosa no cabelo diante do espelho do hall.

— Danielle, tem certeza de que não quer que eu converse com o pessoal do clube? Sei que aceitariam você de volta, mesmo depois do... incidente do ano passado. Você já aprendeu a lição, não aprendeu?

Que lição? Nunca mais confiar num cara? Claro. Dou um sorriso educado.

— Não, obrigada.

— É o melhor lugar para alguém como você, sabe? — Ela balança a cabeça. — Um dia você vai me dar razão.

E fecha a porta.

Assim que o conversível dá a partida, corro até a sala para ligar a TV. 8h57. Perfeito. O food truck vai passar às dez para me levar ao jogo de basquete do RiverDogs, do outro lado da cidade, então tenho tempo de sobra. Durante uma hora, vou estar imersa no que deve ser a maior notícia da história de *Starfield*.

Esse momento vai ser épico por encerrar tudo — ou talvez por trazer um novo começo. Um novo *Starfield* para uma nova geração. Essa possibilidade me agrada.

Pego o controle na mesa de centro e me sento de pernas cruzadas na frente da TV de cinquenta e quatro polegadas. A tela preta pisca, e meu peito se enche de ansiedade. Queria que meu pai visse isso. Que estivesse sentado aqui ao meu lado. Ele estaria tão animado quanto eu — não, estaria ainda *mais*. Mas a realidade é que não tenho com quem conversar sobre isso. Especular sobre quem vai finalmente assumir o comando da Federação de Asas Estelares e seguir os passos lendários de David Singh, o ator que interpretou o príncipe Carmindor original. Já faz meses que escrevo no blog sobre isso, mas ninguém lê. Escrever no *Artilharia rebelde* é terapêutico, é como ter um diário. O mais próximo de amigos que

tenho são as pessoas da comunidade *pistoleiros estelares*, onde todos têm comentado sobre o possível elenco: muitos estão torcendo para que seja aquele ator fofinho de Bollywood que aparece em todos os GIFs do Tumblr. Mas para mim não importa quem for, só espero que não botem um cara branco no papel do meu príncipe.

Na TV, vejo o fim de uma matéria com vídeos da internet de bichinhos fazendo coisas engraçadas e, em seguida, a apresentadora abre um sorriso enorme, e a câmera mostra o público. O auditório está cheio — lotado — de garotas, todas gritando. E segurando cartazes. Todas as camisetas exibem o mesmo nome. Um nome que congela a ansiedade em meu peito e cai como uma bomba atômica no meu estômago.

Darien Freeman.

As garotas erguem os braços para a câmera, gritando o nome dele. Aquele nome. Algumas parecem prestes a desmaiar.

Eu não desmaio.

Minha empolgação dá meia-volta e vira desespero.

Não. Não pode ser. Devo estar no canal errado.

Aperto o botão INFO no controle. *Bom dia, América*, anuncia a legenda. De repente, só quero que a Nebulosa Negra me engula de vez.

Quais são as chances? Quais são as chances de *ele* ser só um convidado no programa que vai anunciar o elenco de *Starfield*?

A apresentadora abre um sorriso e diz algumas palavras, e então, de súbito, todos os meus medos se tornam reais.

O símbolo de *Starfield* aparece na tela atrás dela. Neste momento, tudo virou uma bola de neve desastrosa, e não consigo parar de olhar. Todas as coisas que eu venero nessa história, o meu fandom, tudo está sendo jogado num poço em chamas borbulhando de desespero.

Não. Não, não é ele. Não pode ser *ele*.

Darien Freeman não é o *meu* Carmindor, não é o *meu* príncipe da Federação.

ISBN 978-85-510-0214-8



9 788551 002148

www.intrinseca.com.br

ERA UMA VEZ UMA FÃ, UM
ATOR E UM CLÁSSICO SCI-FI...

